

TRISTES  
TRÓPICOS



Claude Lévi-Strauss

COMPANHIA DAS LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Lévi-Strauss, Claude  
Tristes trópicos / Claude Lévi-Strauss ; tradução Rosa  
Freire d'Aguiar. — São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

Título original: Tristes tropiques.  
ISBN 85-7164-570-1

1. Brasil – Descrição e viagens 2. Índios da América do  
Sul – Brasil I. Título.

96-2401

CDD-918.1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Descrição e viagens 918.1

## ÍNDICE

### *Primeira parte* *O FIM DAS VIAGENS*

1. Partida .....	15
2. A bordo .....	20
3. Antilhas .....	27
4. A busca do poder .....	34

### *Segunda parte* *ANOTAÇÕES DE VIAGEM*

5. Olhando para trás .....	45
6. Como se faz um etnógrafo .....	49
7. O pôr-do-sol .....	59

### *Terceira parte* *O NOVO MUNDO*

8. A calma .....	69
9. Guanabara .....	77
10. Passagem do trópico .....	85
11. São Paulo .....	91

*Quarta parte*  
**A TERRA E OS HOMENS**

12. Cidades e campos .....	103
13. Zona pioneira .....	112
14. O tapete voador .....	119
15. Massas .....	126
16. Mercados .....	134

*Quinta parte*  
**CADIUEU**

17. Paraná .....	143
18. Pantanal .....	150
19. Nalike .....	159
20. Uma sociedade indígena e seu estilo .....	167

*Sexta parte*  
**BORORO**

21. O ouro e os diamantes .....	189
22. Bons selvagens .....	202
23. Os vivos e os mortos .....	215

*Sétima parte*  
**NAMBIQUARA**

24. O mundo perdido .....	233
25. No sertão .....	245
26. Na linha .....	256
27. Em família .....	265
28. Lição de escrita .....	278
29. Homens, mulheres, chefes .....	288

*Oitava parte*  
**TUPI-CAVAÍBA**

30. De piroga .....	303
31. Robinson .....	312
32. Na floresta .....	320
33. A aldeia dos grilos .....	328
34. A farsa do japim .....	334
35. Amazônia .....	341
36. Seringal .....	346

*Nona parte*  
**A VOLTA**

37. A apoteose de Augusto .....	355
38. Um copinho de rum .....	362
39. Tóxila .....	373
40. Visita ao <i>kyong</i> .....	383

<i>Mapa</i> .....	102
<i>Bibliografia</i> .....	393
<i>Índice de temas, pessoas e lugares</i> .....	395

## II

### SÃO PAULO

Um espírito malicioso definiu a América como uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização. Poder-se-ia, com mais acerto, aplicar a fórmula às cidades do Novo Mundo: elas vão do viço à decrepitude sem parar na idade avançada. Uma estudante brasileira voltou-me em lágrimas após sua primeira viagem à França: Paris lhe parecera suja, com seus prédios enegrecidos. A brancura e a limpeza eram os únicos critérios à sua disposição para apreciar uma cidade. Mas essas férias fora do tempo a que convida o gênero monumental, essa vida sem idade que caracteriza as mais belas cidades, transformadas em objeto de contemplação e de reflexão, e não mais em simples instrumentos da função urbana — as cidades americanas nunca chegam a tal. Nas cidades do Novo Mundo, seja Nova York, Chicago ou São Paulo, que muitas vezes lhe foi comparada, o que me impressiona não é a falta de vestígios: essa ausência é um elemento de seu significado. Ao contrário desses turistas europeus que torcem o nariz porque não podem acrescentar a seus troféus de caça mais uma catedral do século XIII, alegro-me em me adaptar a um sistema sem dimensão temporal, para interpretar uma forma diferente de civilização. Mas é no erro contrário que caio: já que as cidades são novas e tiram dessa novidade sua essência e sua justificação, custo a perdoá-las por não continuarem a sê-lo. Para as cidades européias, a passagem dos séculos constitui uma promoção; para as americanas, a dos anos é uma decadência. Pois não são apenas construídas recentemente; são construídas para se renovarem com a mesma rapidez com que foram erguidas, quer dizer, mal. No momento em que surgem, os novos bairros nem sequer são elementos urbanos: são brilhantes demais, novos demais, alegres demais para tanto. Mais se pensaria numa feira, numa exposição internacional construída para poucos meses. Após esse prazo, a festa termina e esses grandes bibelôs fenecem: as fachadas descascam, a chuva e a fuligem traçam seus sulcos, o estilo sai de moda, o ordenamento pri-

mitivo desaparece sob as demolições exigidas, ao lado, por outra impaciência. Não são cidades novas contrastando com cidades velhas; mas cidades com ciclo de evolução curtíssimo, comparadas com cidades de ciclo lento. Certas cidades da Europa adormecem suavemente na morte; as do Novo Mundo vivem febrilmente uma doença crônica; eternamente jovens, jamais são saudáveis, porém.

Ao visitar Nova York ou Chicago em 1941, ao chegar a São Paulo em 1935, não foi, portanto, o aspecto novo que de início me espantou, mas a precocidade dos estragos do tempo. Não me surpreendeu que a essas cidades faltassem dez séculos, impressionou-me verificar que tantos bairros já tivessem cinquenta anos; que, sem pejo, alardeassem tais estigmas, visto que o único encanto a que poderiam aspirar seria o de uma juventude fugaz tanto para eles como para os vivos. Ferros-velhos, bondes vermelhos como carros de bombeiros, bares de mogno com balcão de latão polido, depósitos de tijolos em ruelas solitárias onde só o vento varre o lixo, paróquias rústicas ao pé de escritórios e de Bolsas de valores em estilo de catedral, labirintos de prédios esverdeados encimando abismos entrecortados por trincheiras, viadutos sinuosos e passarelas, cidade que cresce permanentemente em altura pela acumulação de seus próprios escombros que sustentam as construções novas: Chicago, imagem das Américas, não surpreende que em ti o Novo Mundo preze a memória dos anos 1880! Pois a única antiguidade a que ele pode aspirar em sua sede de renovação é essa modesta distância de meio século, curta demais para servir à apreciação de nossas sociedades milenares mas que lhe dá, a ele que não pensa no tempo, uma ínfima oportunidade de se enternecer com sua juventude transitória.

Em 1935, os paulistas vangloriavam-se de que construía em sua cidade, em média, uma casa por hora. Tratava-se, na época, de mansões; garantem-me que o ritmo se manteve igual, mas com edifícios. A cidade desenvolve-se a tal velocidade que é impossível obter seu mapa: cada semana demandaria uma nova edição. Parece, inclusive, que se formos de táxi a um encontro marcado algumas semanas antes, correremos o risco de chegar com um dia de avanço em relação ao bairro. Em tais condições, a evocação de lembranças de quase vinte anos atrás assemelha-se à contemplação de uma fotografia apagada. Mas pode, ao menos, oferecer um interesse documental; despejo os fundos de gaveta de minha memória nos arquivos municipais.

Na época, descrevia-se São Paulo como uma cidade feia. Sem dúvida, os prédios do centro eram pomposos e antiquados; a pretenciosa indignância de sua ornamentação agravava-se mais ainda pela pobreza da construção: estátuas e guirlandas não eram de pedra, mas de gesso caído de amarelo para fingir uma pátina. De modo geral, a cidade mostrava esses tons fortes e arbitrários que caracterizam as más construções cujo

arquiteto teve de recorrer à caiação tanto para proteger quanto para dissimular o substrato.

Nas construções de pedra, as extravagâncias do estilo 1890 são parcialmente desculpáveis pelo peso e pela densidade do material: situam-se em seu nível de acessório. Ao passo que lá, aquelas intumescências trabalhosas evocam apenas as improvisações dérmicas da lepra. Sob as cores falsas, as sombras ficam mais negras; as ruas estreitas não deixam que uma camada de ar fina demais “crie um clima”, e disso resulta uma sensação de irrealidade, como se tudo aquilo não fosse uma cidade, mas um simulacro de construções edificadas às pressas para atender a uma filmagem cinematográfica ou a uma representação teatral.

E, contudo, São Paulo nunca me pareceu feia: era uma cidade selvagem, como o são todas as cidades americanas, com exceção talvez de Washington, DC, nem selvagem, nem domesticada, essa aí, mas antes cativa e morrendo de tédio na gaiola estrelada de avenidas dentro da qual Lenfant a encarcerou. Quanto a São Paulo, era, na época, indômita. Construída originalmente sobre um terraço em forma de esporão apontando para o Norte, na confluência de dois pequenos rios, o Anhangabaú e o Tamandateí, que se lançam um pouco mais abaixo no rio Tietê, afluente do Paraná, foi uma simples “redução de índios”: centro missionário em torno do qual os jesuítas portugueses esforçaram-se, desde o século XVI, em agrupar os selvagens e iniciá-los nas virtudes da civilização. Sobre o talude que desce para o Tamandateí e que domina os bairros populares do Brás e da Penha, ainda subsistiam em 1935 algumas ruelas interioranas e os ‘largos’: praças quadradas e cheias de mato, cercadas de casas baixas com teto de telhas e janelinhas de grades, caiadas, tendo de um lado uma igreja paroquial austera, cuja única decoração era o duplo arco cortando o frontão barroco na parte superior da fachada. Muito longe, rumo ao Norte, o Tietê prolongava seus meandros prateados pelas ‘várzeas’ — pântanos transformando-se pouco a pouco em vilas — cercadas por um rosário irregular de subúrbios e loteamentos. Logo atrás, ficava o centro de negócios, fiel ao estilo e às aspirações da Exposição de 1889: a praça da Sé, a meio caminho entre o canteiro de obras e a ruína. Depois, o famoso Triângulo, do qual São Paulo tinha tanto orgulho quanto Chicago de seu Loop: zona de comércio formada pela interseção das ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro, vias atulhadas de letreiros onde se comprimia uma multidão de comerciantes e de funcionários que, com seus trajés escuros, proclamavam sua fidelidade aos valores europeus ou norte-americanos, ao mesmo tempo que seu orgulho pelos oitocentos metros de altitude que os livrava dos langores do trópico (o qual, porém, passa em plena cidade).

Em São Paulo, no mês de janeiro, a chuva não “chega”, mas é engendrada pela umidade ambiente, como se o vapor d’água de que tudo

se embebe se materializasse em pérolas aquáticas caindo abundantes mas que dariam a impressão de serem freadas pela afinidade com toda essa neblina pela qual deslizam. Não é, como na Europa, uma chuva riscadinha, mas um cintilar pálido, formado por uma profusão de bolinhas d'água que rolam numa atmosfera úmida: cascata de consomê claro com tapioca. E tampouco é quando a nuvem passa que a chuva pára, mas quando o ar local, pela punção pluviosa, livrou-se suficientemente de um excesso de umidade. Então, o céu clareia, entrevê-se o azul muito pálido entre as nuvens amarelas, enquanto enxurradas alpinas correm pelas ruas.

Na extremidade norte do terraço, um gigantesco canteiro de obras estava no início: era o da avenida São João, artéria de vários quilômetros que se começava a traçar paralelamente ao Tietê, seguindo o percurso da velha estrada do Norte para Itu, Sorocaba e as ricas plantações de Campinas. Presa por seu início à ponta do esporão, a avenida descia pelos escombros de velhos bairros. Cruzava primeiro, à direita, com a rua Florencio de Abreu, que ia dar na estação de trem, entre os bazares sírios que abasteciam todo o interior de bugigangas, e calmas oficinas de seleiros e estofadores onde prosseguia — mas por quanto tempo? — a fabricação de grandes selas de couro trabalhado, de xairéis para cavalos com grossos fios de algodão, de arreios decorados com prata lavrada, destinados aos fazendeiros e aos peões do mato tão próximo. Depois, a avenida, passando ao pé de um arranha-céu — então único e inacabado —, o rosado Prédio Martinelli, enfiava-se pelos Campos Elíseos, outrora domicílio dos ricos, onde os palacetes de madeira pintada se deterioravam no meio de jardins de eucaliptos e mangueiras; a popular Santa Ifigênia, margeada por um bairro reservado de casebres com porão alto, de onde as moças berravam para os clientes pelas janelas. Por fim, nos limites da cidade, progrediam os loteamentos pequeno-burgueses de Perdizes e de Água Branca, fundindo-se a sudoeste na colina verdejante e mais aristocrática do Pacaembu.

Para o Sul, o terraço continua a se elevar; modestas avenidas o escalam, juntando-se no alto, sobre a própria espinha dorsal do relevo, pela avenida Paulista e suas residências outrora fastuosas dos milionários do último meio século, num estilo de cassino e de estação de águas. Bem no final, para o Leste, a avenida domina a planície acima do novo bairro do Pacaembu, onde se constroem desordenadamente mansões cúbicas ao longo de avenidas sinuosas salpicadas pelo azul-violeta dos jacarandás em flor, entre rampas gramadas e aterros de terra ocre. Mas os milionários abandonaram a avenida Paulista. Seguindo a expansão da cidade, desceram com ela o Sul da colina, para bairros sossegados de ruas sinuosas. Suas residências de inspiração californiana, em cimento misturado à mica e com sacadas de ferro fundido, deixam-se entrever no fundo de jardins abertos nos pequenos bosques rústicos onde se implantam esses loteamentos para os ricos.

Pastos de vacas estendem-se ao pé de imóveis em concreto, um bairro surge como uma miragem, avenidas ladeadas de luxuosas residências são interrompidas de um lado e outro por ribanceiras; ali, uma torrente barrenta circula entre as bananeiras, servindo ao mesmo tempo de nascente e de esgoto para casebres de taipa sobre estrutura de bambu, onde se encontra a mesma população negra que, no Rio, se instala no alto dos morros. As cabras correm pelas encostas. Certos locais privilegiados da cidade conseguem acumular todos os aspectos. Assim, à saída de duas ruas divergentes que seguem em direção do mar, desembocamos na beira do barranco do rio Anhangabaú, cruzado por uma ponte que é uma das principais artérias da cidade. A parte baixa é ocupada por um parque ao gosto inglês: gramados enfeitados com estátuas e coretos, enquanto na perpendicular dos dois taludes erguem-se os principais edifícios, o Teatro Municipal, o Hotel Esplanada, o Automóvel Clube, os escritórios da companhia canadense que explora a eletricidade e os transportes. Seus volumes heteróclitos afrontam-se numa desordem imóvel. Essa confusão de imóveis lembra grandes manadas de mamíferos reunidos à noite em torno de um bebedouro, por alguns instantes indecisos e imóveis; condenados, por uma necessidade mais premente que o medo, a misturar temporariamente suas espécies antagônicas. A evolução animal se cumpre segundo fases mais lentas que as da vida urbana; se hoje eu contemplasse o mesmo local, talvez verificasse que o híbrido rebanho desapareceu: pisoteado por uma raça mais vigorosa e mais homogênea de arranha-céus implantados nessas margens que uma auto-estrada fossilizou com asfalto.

Protegida dessa fauna de pedra, a elite paulista, tal como as suas orquídeas prediletas, formava uma flora indolente e mais exótica do que imaginava. Os botânicos ensinam que as espécies tropicais incluem variedades mais numerosas que as das zonas temperadas, embora, em contrapartida, cada uma seja formada por um número às vezes muito pequeno de indivíduos. O 'grã-fino' local levava ao extremo essa especialização.

Uma sociedade restrita distribuía os papéis entre si. Todas as atividades, os gostos, as curiosidades dignas da civilização contemporânea ali se encontravam, mas cada uma encarnada por um único representante. Nossos amigos não eram propriamente pessoas, eram mais funções cuja importância intrínseca, menos que sua disponibilidade, parecia haver determinado a lista. Assim, havia o católico, o liberal, o legitimista, o comunista; ou, em outro plano, o gastrônomo, o bibliófilo, o amador de cães (ou de cavalos) de raça, de pintura antiga, de pintura moderna; e também o erudito local, o poeta surrealista, o musicólogo, o pintor. Nenhuma verdadeira preocupação em aprofundar um campo do conhecimento estava na origem dessas vocações; se dois indivíduos, após uma manobra em falso ou por ciúmes, viam-se ocupando o mesmo terreno ou terrenos distintos mas demasiado próximos, tinham uma única idéia: des-

X

truírem-se mutuamente, e nisso demonstravam uma persistência e uma ferocidade admiráveis. Em compensação, entre feudos vizinhos havia visitas intelectuais, faziam-se reverências: cada um estava interessado não só em defender seu papel, mas também em aperfeiçoar esse minueto sociológico em cuja execução a sociedade paulista parecia encontrar inesgotável deleite.

Cabe reconhecer que certos papéis eram representados com um brio extraordinário, graças à combinação entre a fortuna herdada, o charme inato e a matreirice adquirida, que tornavam a freqüentação dos salões tão deliciosa e ao mesmo tempo tão decepcionante. Mas a necessidade, que exigia que todos os papéis fossem ocupados para perfazer o microcosmo e representar o grande jogo da civilização, também acarretava alguns paradoxos: que casualmente o comunista fosse o rico herdeiro do feudalismo local, e que uma sociedade muito pretensiosa permitisse, ainda assim, a um de seus membros, mas a um só — já que era preciso ter o poeta de vanguarda —, sair com sua jovem amante em público. Alguns papéis não puderam ser desempenhados pelo que havia de melhor: o criminologista era um dentista que introduzira na polícia civil os moldes de maxilares para substituir as impressões digitais como sistema de identificação; e o monarquista vivia para colecionar espécimes de louça de todas as famílias reais do universo: as paredes de seu salão estavam cobertas de pratos, salvo o lugar necessário ao cofre-forte onde ele conservava as cartas em que damas de honra das rainhas demonstravam interesse por suas solicitações domésticas.

Essa especialização no plano mundano ia de par com um apetite enciclopédico. O Brasil culto devorava os manuais e as obras de vulgarização. Em vez de se gabarem do prestígio ainda inigualado da França no estrangeiro, nossos ministros teriam sido mais sensatos caso se empenhassem em compreendê-lo; infelizmente, desde essa época ele já não decorria tanto da riqueza e da originalidade de uma criação científica declinante quanto do talento, de que muitos de nossos cientistas ainda eram dotados, para tornar acessíveis problemas difíceis que eles haviam ajudado modestamente a solucionar. Nesse sentido, o amor demonstrado pela América do Sul à França derivava em parte de uma conivência secreta baseada na mesma inclinação a consumir e a facilitar aos outros o consumo, mais do que a produzir. Os grandes nomes que eram venerados por lá, Pasteur, Curie, Durkheim, pertenciam todos ao passado, decerto bastante próximo para justificar um amplo crédito; mas desse crédito nós ainda só pagávamos os juros em dinheiro miúdo, apreciado na medida em que uma clientela pródiga preferia ela própria gastar a investir. Nós lhe pagávamos apenas o esforço de liquidar.

É triste verificar que até mesmo esse papel de corretor intelectual, para o qual a França se deixava arrastar, parece hoje tornar-se-lhe pesa-

Teoria  
sobre o  
Jornalismo  
sobre o  
Brasil

do demais. Seremos nós a esse ponto prisioneiros de uma perspectiva científica herdada do século XIX, quando cada campo do pensamento era restrito o bastante para que um homem munido das qualidades tradicionalmente francesas — cultura geral, vivacidade e clareza, espírito lógico e talento literário — chegasse a abarcá-lo por inteiro e, trabalhando de maneira isolada, conseguisse repensá-lo por conta própria e apresentar uma síntese? Que nos alegremos ou a deploremos, a ciência moderna já não permite essa exploração artesanal. Ali onde bastava um especialista para ilustrar seu país, é preciso um exército, que nos falta; as bibliotecas pessoais transformaram-se em curiosidades museográficas, mas nossas bibliotecas públicas, sem locais, sem crédito, sem pessoal documentalista e inclusive sem número suficiente de cadeiras para os leitores, desencorajam os pesquisadores, em vez de servi-los. Enfim, a criação científica representa hoje uma realização coletiva e amplamente anônima, para o que estamos o menos preparados possível, tendo nos ocupado demasiado apenas em prolongar mais além de seu tempo os sucessos fáceis de nossos velhos virtuosos. Estes continuarão a crer por muito tempo que um estilo a toda prova pode remediar a ausência de partitura?

Países mais jovens aprenderam a lição. Nesse Brasil que conheceu certos êxitos individuais brilhantes, mas raros — Euclides da Cunha, Oswald Cruz, Chagas, Villa-Lobos —, a cultura permaneceu, até época recente, um brinquedo para os ricos. E era porque essa oligarquia precisava de uma opinião pública de inspiração civil e laica, para fazer frente à influência tradicional da Igreja e do exército, assim como ao poder pessoal, que, ao criar a Universidade de São Paulo, ela se propôs levar a cultura a uma clientela mais vasta.

Quando cheguei ao Brasil para participar dessa fundação, julguei — lembro-me ainda — a condição humilhante de meus colegas locais com uma compaixão um pouco arrogante. Ao ver aqueles professores miseravelmente pagos, obrigados, para comer, a fazer obscuros trabalhos, senti o orgulho de pertencer a um país de velha cultura onde o exercício de uma profissão liberal era cercado de garantias e de prestígio. Não desconfiava que, vinte anos depois, meus alunos necessitados de então ocupariam cátedras universitárias, às vezes mais numerosas e melhor equipadas do que as nossas, servidos por bibliotecas como gostaríamos de possuir.

No entanto, vinham de longe, esses homens e essas mulheres de todas as idades que se amontoavam em nossas aulas com um fervor desconfiado: jovens de olho nos empregos acessíveis com os diplomas que conferíamos; ou advogados, engenheiros, políticos bem implantados, que temiam a concorrência próxima dos títulos universitários se eles próprios não tivessem o bom senso de disputá-los. Todos estavam minados por um espírito mundano e destruidor, em parte inspirado por uma tradição francesa obsoleta no estilo da “vida parisiense” do século passado, intro-

X

duzido por alguns brasileiros primos do personagem de Meilhac e Halévy, porém, mais ainda, traço sintomático de uma evolução que foi a de Paris no século XIX e que São Paulo e o Rio de Janeiro reproduziam então por conta própria, pelo ritmo acelerado de diferenciação entre a cidade e o campo, aquela desenvolvendo-se às custas deste, com a resultante preocupação, para uma população urbanizada havia pouco, de se desvincular da ingenuidade rústica simbolizada no Brasil do século XX pelo 'caipira', como ocorrera com o natural de Arpajon ou de Charentonneau no nosso teatro de boulevard. Lembro-me de um exemplo desse humor duvidoso.

No meio de uma dessas ruas quase rurais, embora com três ou quatro quilômetros de extensão, que prolongavam o centro de São Paulo, a colônia italiana mandara erguer uma estátua de Augusto. Era uma reprodução de bronze, em tamanho natural, de um mármore antigo, medíocre, para falar a verdade, mas que merecia algum respeito numa cidade onde nada mais evocava a história anterior ao século passado. Contudo, a população de São Paulo decidiu que o braço levantado para a saudação romana significava: "É aqui que mora Carlito". Carlos Pereira de Sousa, ex-ministro e político influente, possuía na direção indicada pela mão imperial uma dessas vastas casas térreas, construída com tijolos e taipa e coberta por um reboco de cal acinzentado e descascado fazia vinte anos mas que pretendia sugerir, por volutas e rosáceas, os faustos da época colonial.

Concluiu-se também que Augusto estava de short, o que só era engraçado em parte, pois a maioria dos passantes ignoravam o saio romano. Essas boas piadas corriam pela cidade uma hora depois da inauguração, e repetiram-nas, acompanhadas por uns bons tapinhas nas costas, na "noite elegante" do cinema Odeon que se realizava no mesmo dia. Era assim que a burguesia de São Paulo (responsável pela instituição de uma sessão cinematográfica semanal a preço alto, destinada a protegê-la dos contatos plebeus) vingava-se de ter, por sua incúria, permitido a formação de uma aristocracia de emigrantes italianos chegados há meio século para vender gravatas pelas ruas, e hoje donos das mais vistosas residências da "Avenida" e doadores do bronze tão comentado.

M. J. A.

Nossos estudantes queriam saber tudo; mas, em qualquer campo que fosse, só a teoria mais recente parecia merecer-lhes a atenção. Fartos de todos os festins intelectuais do passado, que aliás só conheciam por ouvir dizer, já que não liam as obras originais, conservavam um entusiasmo sempre disponível pelos pratos novos. No caso deles, conviria falar mais de moda que de gastronomia: idéias e doutrinas não ofereciam, em seu entender, um interesse intrínseco, consideravam-nas como instrumentos de prestígio cujas primícias deviam conseguir. Partilhar uma teoria conhecida com outros equivalia a usar um vestido já visto; expunham-se

a um vexame. Em compensação, praticavam uma concorrência ferrenha às custas de muitas revistas de vulgarização, periódicos sensacionalistas e compêndios, para conseguir a exclusividade do modelo mais recente no campo das idéias. Produtos selecionados dos viveiros acadêmicos, meus colegas e eu mesmo muitas vezes nos sentíamos encabulados: criados para respeitar apenas as idéias maduras, ficávamos expostos às investidas de estudantes de uma ignorância completa quanto ao passado mas cuja informação tinha sempre alguns meses de avanço em relação à nossa. No entanto, a erudição, da qual não tinham o gosto nem o método, parecia-lhes, mesmo assim, um dever; de modo que suas dissertações consistiam, qualquer que fosse o tema, numa evocação da história geral da humanidade desde os macacos antropóides, para terminar, por meio de algumas citações de Platão, Aristóteles e Comte, na paráfrase de um polígrafo enfadonho cuja obra tinha tanto mais valor na medida em que, por sua própria obscuridade, era bem possível que nenhum outro tivesse a idéia de pilhá-la.

A universidade apresentava-se para eles como um fruto tentador, mas envenenado. Para esses jovens que não tinham percorrido o mundo e cuja condição muitas vezes modestíssima privava da esperança de conhecer a Europa, nós havíamos sido levados como magos exóticos por filhinhos de papai duplamente execrados: primeiro, porque representavam a classe dominante, e depois, em virtude mesmo de sua existência cosmopolita que lhes conferia uma superioridade em relação a todos os que haviam ficado na cidade pequena, o que os isolava da vida e das aspirações nacionais. Pelas mesmas razões que eles, parecíamos suspeitos; porém, trazíamos em nossas mãos os frutos da sabedoria, e os estudantes fugiam de nós e nos cortejavam alternadamente, ora cativados e ora rebeldes. Cada um de nós media sua influência pela importância da pequena corte que se organizava em torno de si. Essas clientelas travavam uma guerra de prestígio da qual os queridos professores eram os símbolos, os beneficiários ou as vítimas. Isso se traduzia pelas 'homenagens', quer dizer, pelas manifestações em homenagem ao mestre, almoços ou chás oferecidos graças a esforços tanto mais comoventes quanto supunham autênticas privações. As pessoas e as disciplinas flutuavam durante essas festas como títulos da bolsa de valores, em razão do prestígio do estabelecimento, do número de participantes, da categoria das personalidades mundanas ou oficiais que aceitavam comparecer. E como cada grande nação tinha em São Paulo sua embaixada em forma de loja: o Chá Inglês, a Confeitaria Vienense, ou Parisiense, a Cervejaria Alemã, intenções tortuosas expressavam-se também segundo esta ou aquela que fosse escolhida.

Que todos aqueles que entre vós lançarem os olhos nestas linhas, alunos encantadores, hoje colegas estimados, não sintam rancor. Pensando em vós, segundo vosso costume, por vossos nomes de batismo tão barro-

cos para um ouvido europeu, mas cuja diversidade exprime o privilégio que foi ainda o de vossos pais, de poder livremente, de todas as flores de uma humanidade milenar, colher o viçoso buquê da vossa: Anita, Corina, Zenaida, Lavínia, Thaís, Gioconda, Gilda, Oneide, Lucilla, Zenith, Cecília, e vós, Egon, Mário Wagner, Nicanor, Ruy, Lívio, James, Azor, Achilles, Décio, Euclides, Milton, evoco esse período balbuciante sem ironia. Muito pelo contrário, pois me ensinou uma lição: a da precariedade das vantagens conferidas pelo tempo. Pensando no que era a Europa da época e no que é hoje, aprendi, vendo-vos vencer em poucos anos uma distância intelectual que se poderia supor da ordem de vários decênios, como desaparecem e como nascem as sociedades; e que essas grandes reviravoltas da história que, nos livros, parecem resultar do jogo das forças anônimas agindo no centro das trevas, também podem, num claro instante, realizar-se pela resolução viril de um punhado de crianças bem-dotadas.

SBD / FFLCH / USP